

Introdução à Sociologia

Sociologia e Sociedade

O conteúdo histórico do surgimento da Sociologia

A Sociologia não surgiu do nada, e, muito menos, por acaso. Ela é fruto de transformações profundas, ocorridas na Europa, que demonstraram a necessidade de se perceber a sociedade como algo que pudesse ser investigado e compreendido cientificamente.

Pode-se afirmar que a Sociologia nasceu no século XIX e se transformou em ciência no século XX. Percebe-se, na evolução do pensamento humano, que, desde a Antiguidade, houve pensadores e filósofos sociais que se preocuparam, refletiram e escreveram sobre a sociedade. Porém, não se pode afirmar que fizeram sociologia, uma vez que se restringiram a criticar ou descrever sociedades ideais e não a pensar ou estudar a sociedade como ela é.

Podemos citar alguns desses pensadores e filósofos:

Platão – em sua obra *A República*, imagina uma sociedade ideal, governada pelos sábios e defendida por guerreiros.

Santo Agostinho – em *A cidade de Deus* descreve uma sociedade ideal, voltada para a religião.

Tomás Campanella – *A cidade do Sol*; Thomas Morus – *A Utopia*; Francis Bacon – *Nova Atlântida*; Erasmo de Rotterdam – *O elogio da loucura*; Maquiavel – *O Príncipe* – são autores que, no período do Renascimento, criticaram a sociedade ou descreveram sociedades ideais.

Thomas Hobbes e Jean-Jacques Rousseau, explicaram a origem da sociedade civil por um contrato social que os homens teriam feito entre si.

Os fatores históricos que favoreceram o surgimento da Sociologia foram a independência dos Estados Unidos (1776) e a Revolução Francesa (1789), por terem causado inúmeras transformações, como o aparecimento de novas classes sociais, com elevação de algumas e queda de outras.

Há, ainda, fatores intelectuais, como a ampliação das ideias e a crença de que saber significa poder.

Esse conjunto de condições propiciou a criação de uma filosofia social que, posteriormente, se transformaria em Sociologia.

A Revolução Industrial e o surgimento das Ciências Sociais

A Revolução Industrial significou algo mais do que a introdução da máquina a vapor e dos sucessivos aperfeiçoamentos dos métodos produtivos. Ela representou o triunfo da indústria capitalista liderada pelo seu empresariado que foi, pouco a pouco, concentrando as máquinas, as terras e as ferramentas sob seu controle, convertendo grandes massas humanas em trabalhadores, fazendo surgir uma nova classe social: o proletariado.

No final do século XVIII, na maioria dos países europeus, o poder era conquistado pela burguesia comercial. Além de outras grandes transformações, a maquinofatura se completava com o trabalho assalariado, inclusive de mulheres e crianças.

A consolidação do sistema capitalista na Europa forneceu elementos que serviram de base para o surgimento da Sociologia.

Num período de oitenta anos, ou seja, de 1780 a 1860, a Revolução Industrial ganha força na Inglaterra, culminando numa urbanização crescente, desencadeada pela migração maciça do campo para a cidade, o que redundou na criação de cidades enormes, como Manchester, que passou de setenta para trezentos mil habitantes, num prazo de apenas cinquenta anos.

As consequências desse fato foram trágicas: aumento da prostituição, do alcoolismo, do infanticídio, da criminalidade, da violência e do surto de epidemias de tifo e cólera.

Diante de tudo isso, a sociedade passou a ser vista como um “problema” que deveria ser estudado, investigado e compreendido.

“O nascimento da sociologia ocorreu não somente numa era científica, mas também numa época em que a industrialização e a urbanização estavam transformando as próprias bases da sociedade. Alguns dos primeiros sociólogos viam a industrialização do mesmo modo como viam a ciência: um meio pelo qual os problemas que assolavam a humanidade seriam eliminados. Pobreza, doença, fome, até a guerra seriam extintos.”

CHARON, 2001. p. 14, Sociologia.

Imagens contundentes dos séculos XVIII e XIX que marcaram o surgimento da Sociologia como ciência.

Revolução Francesa



Disponível em: <www.wikipedia.org>. Acesso em: 15 jun. 2007.

Revolução Industrial na Europa



Trabalhadores da Siemens & Halske na produção de cabos, Berlim – Charlottenburg, 1880.

Disponível em: <<http://sistemas.siemens.com.br>>. Acesso em: 04 jun. 2007.

Independência dos Estados Unidos da América



Disponível em: <<http://upload.wikimedia.org>>. Acesso em: 04 jun. 2007.

A relação Indivíduo e Sociedade

O relacionamento entre indivíduo e sociedade se faz presente em todas as reflexões no âmbito da Sociologia. Há, em todo momento da construção do pensamento sociológico, uma busca pela explicação da interrelação entre as ações individuais, da aceitação coletiva das regras sociais e da definição de grupos sociais através da prática coletiva.

A Sociologia sempre trata um indivíduo como um produto social. O próprio conceito de individualidade só é construído efetivamente com o advento do capitalismo. Na sociedade capitalista, a existência de um mercado, no qual os proprietários individuais vendem suas mercadorias, criará condições para que se pense a sociedade apenas como o conjunto de interesses individuais dos agentes privados. A partir dessa ideia que a teoria econômica consolidará seus modelos, baseando-se principalmente nas ações individuais.



Essa famosa obra de arte de Eugène Delacroix (1830), intitulada *La Libertad guiando el pueblo* retrata um momento histórico de manifestação da consciência coletiva de um povo. Disponível em: <www.pousadadascores.com.br>. Acesso em: 04 jun.2007.

Ao se colocar contrária a esse individualismo, a Sociologia estuda a ação coletiva e social. O homem passa a ser visto a partir de sua inserção na sociedade e nos grupos sociais que a constituem. Estuda-se, então, o conjunto de relacionamentos que os homens estabelecem entre si na vida em sociedade: relações de conflito, cooperação, interdependência, etc.

“A sociedade existe antes de nosso nascimento e continua a existir depois de nossa morte.”

CHARON, 2001, p. 27. Sociologia.

Ao nascer, o indivíduo encontra um conjunto de regras de conduta legais ou morais que se impõem, muito embora possua (o indivíduo) seus próprios modos de se comportar e de interpretar a vida, naquilo que Émile Durkheim chamou de consciência individual. Já a consciência coletiva é o conjunto das crenças e dos sentimentos comuns à média dos membros de uma sociedade, formando um sistema determinado com vida própria. Devendo-se destacar o fato de que esse sistema interfere na formação de uma consciência individual que, por sua vez, reflete nos modos de agir coletivos.

PONTES, 1993. Durkheim: Uma análise dos fundamentos simbólicos da vida social e dos fundamentos sociais do simbolismo.



Escultura *O Pensador*, de Rodin, uma manifestação da arte que pode simbolizar a consciência individual. Disponível em: <<http://sweet.ua.pt>>. Acesso em: 04 jun. 2007.

A Sociologia e o Cotidiano

A Sociologia se interessa basicamente por situações cujas causas não se encontram na natureza ou na vontade individual, mas na sociedade, nos grupos sociais ou nas ações sociais que as condicionam. É tentando explicar essas situações que a Sociologia coloca como básico o relacionamento entre indivíduo e sociedade.

Durante todo o tempo, os problemas vividos pelo homem em sociedade são objetos de estudo da Sociologia.

É evidente que todo homem possui conhecimentos práticos sobre como agir, participar de grupos, ou seja, há um conhecimento do senso comum sobre as relações na sociedade. A grande contribuição da Sociologia é propiciar condições para que esse conhecimento do senso comum seja substituído pelo conhecimento científico sobre a realidade social, que as teorias e os conceitos sejam construídos a partir da investigação e não de opiniões infundadas.

OLIVEIRA, 2002. Introdução à Sociologia.



A Sociologia como ciência e as principais Correntes Teóricas

A primeira corrente teórica sistematizada de pensamento sociológico foi o positivismo, a primeira a definir precisamente o objeto, a estabelecer conceitos e uma metodologia de investigação.

Embora Comte seja considerado o pai da Sociologia e tenha lhe dado esse nome, Durkheim é apontado como um de seus primeiros grandes teóricos. Ele e seus colaboradores se esforçaram por emancipar a Sociologia das demais teorias sobre a sociedade e constituí-la como disciplina rigorosamente científica, definindo com precisão o objeto, o método e as aplicações dessa nova ciência.

Enquanto para Émile Durkheim a ênfase da análise recai na sociedade, para o sociólogo alemão Max Weber (1864-1920), a análise deve centrar-se nos atores e em suas ações. Por isso, ele define como objeto da Sociologia a Ação Social.

O pensador alemão Karl Marx também contribuiu para a discussão da relação entre indivíduo e sociedade. Diferentemente de Émile Durkheim e Max Weber, Marx considerava que não se pode pensar a relação indivíduo-sociedade separadamente das condições materiais em que essas relações se apoiam.

A exposição rápida dos conceitos desses autores deixa claro que eles tentavam compreender a sociedade de sua época. De alguma maneira, todos estavam interessados em pensar a relação indivíduo e sociedade no mundo moderno.

Auguste Comte e o Positivismo



Criada por Auguste Comte, denominamos Positivismo a primeira corrente teórica sistematizada do pensamento sociológico que procurou definir a especificidade do estudo científico da sociedade e estabeleceu um espaço próprio para essa ciência.

Essa corrente tem suas raízes no cientificismo, isto é, na crença do poder exclusivo e absoluto da razão humana em conhecer a realidade e traduzi-la sob a forma de leis naturais que seriam a base da regulamentação da vida do homem, da natureza como um todo e do próprio universo.

O positivismo pretendia não só substituir as explicações teológicas, filosóficas e de senso comum, mas ainda demonstrar que a sociedade é um organismo constituído de partes integradas e coesas que funcionavam harmoniosamente, segundo um modelo físico ou mecânico – organicista. Nesse mesmo período, século XIX, estão sendo desenvolvidas as ideias do cientista inglês Charles Darwin sobre a evolução biológica das espécies.

Para Darwin, a necessidade de sobrevivência faz com que os organismos procurem se adaptar cada vez mais ao ambiente, criando formas complexas e avançadas de existência, que possibilitam, pela competição natural, a sobrevivência dos seres mais aptos e evoluídos. Essas ideias foram transpostas para a análise da sociedade e culminaram no darwinismo social, isto é, o princípio de que as sociedades se modificam e se desenvolvem num mesmo sentido, passando de um estágio inferior para outro superior. Assim, o darwinismo social justificava o colonialismo europeu e refletia o otimismo europeu em relação à sua cultura.

No entanto, esse otimismo não impediu a geração de conflitos sociais causados pelas divergências entre os capitalistas e os camponeses e operários.

Dando uma resposta positivista a essa questão, os pensadores apontavam para as ideias de Ordem e Progresso.



Émile Durkheim e os Fatos Sociais



Émile Durkheim (1858-1917). Nasceu em Epinal, na Alsácia, descendente de uma família de rabinos. Iniciou seus estudos filosóficos na Escola Normal Superior de Paris, indo depois para a Alemanha. Lecionou Sociologia em Bordéus, primeira cátedra dessa ciência criada na França. Transferiu-se em 1902 para Sorbonne, para onde levou inúmeros cientistas, entre eles seu sobrinho Marcel Mauss, reunindo-os num grupo que ficou conhecido como Escola Sociológica Francesa. Suas principais obras foram: *A divisão do trabalho social*; *As regras do método sociológico*; *O suicídio*; *Formas elementares da vida religiosa*; *Educação e Sociologia*; *Sociologia e Filosofia e Lições de Sociologia* (obra póstuma). (DURKHEIM, Émile. Coleção os Pensadores, 1996)

Disponível em: <www.cvm.qc.ca>.
Acesso em: 15 jun. 2007.

Comte deu o nome de Sociologia a essa ciência, mas foi Durkheim quem emancipou a Sociologia das Ciências Sociais e lhe deu o status de disciplina científica.

As regras do método sociológico, publicada em 1895, é a obra que contém com clareza o tipo de acontecimento sobre o qual a Sociologia deveria se debruçar: o fato social.

Para Durkheim, são três as características que distinguem os fatos sociais:

- ✓ **coerção:** força que os fatos exercem sobre os indivíduos;
- ✓ **exterioridade:** os fatos sociais existem e atuam sobre os indivíduos, independentemente de sua vontade ou de sua adesão consciente, ou seja, eles são exteriores aos indivíduos;
- ✓ **generalidade:** é social todo fato que se repete em todos os indivíduos ou pelo menos na maioria deles.

Para Durkheim, uma vez identificados os fatos sociais, o cientista deve agir com objetividade, analisando-os como “coisas”, e não só explicar, a partir deles, a sociedade, mas também encontrar remédios para a vida social, pois a sociedade, como todo organismo, apresenta estados normais e patológicos, isto é, saudáveis e doentios.

Solidariedade mecânica, para Durkheim, era aquela que predominava nas sociedades pré-capitalistas, nas quais os indivíduos se identificavam por meio da família, da religião, da tradição e dos costumes, permanecendo, em geral, independentes e autônomos em relação à divisão do trabalho social. A consciência coletiva exerce aqui todo seu poder de coerção sobre os indivíduos. Solidariedade orgânica é aquela típica das sociedades capitalistas, em que pela acelerada divisão do trabalho social, os indivíduos se tornaram interdependentes. Essa interdependência garante a união social em lugar dos costumes, das tradições ou das relações sociais estreitas. Nas sociedades capitalistas, a consciência coletiva se afrouxa. Assim, ao mesmo tempo que os indivíduos são mutuamente dependentes, cada qual se especializa numa atividade e tende a desenvolver maior autonomia pessoal.

SCURO, Pedro, 2004. Sociologia ativa e didática.

Max Weber e a Ação Social

Ao contrário da visão positivista, Weber não acredita que a história seja um mero processo universal de evolução percebido por meio do método comparativo. Segundo ele, o cientista deve atentar para as particularidades históricas que são determinantes na conformação da sociedade. A história seria, então, um mecanismo fundamental utilizado

pelo sociólogo para captar as particularidades de determinada sociedade, cabendo à Sociologia a exposição dos elementos gerais dessa mesma sociedade.

Weber, diferentemente de Durkheim, volta sua atenção para o indivíduo enquanto agente fundamental da organização social.

As condutas individuais ganham status de objeto sociológico, denominando-se ação social.

Ação Social é toda conduta humana (ação, omissão ou permissão) dotada de motivo ou sentido, orientada nas ações de outros indivíduos.

Ao contrário do que se possa pensar sobre Weber, não existe autonomia completa no homem em sua ação social. Sua maneira de pensar e agir pode ser construída por ele, no entanto sob uma base cultural historicamente constituída. Daí tais ações serem sociais. Cabe, portanto, ao cientista desvendar o motivo de cada ação social, entender seus motivos e suas consequências.

Segundo Weber, o cientista deve trabalhar buscando o máximo de neutralidade, o que seria possível, se ele partisse da construção de um instrumento abstrato, ideal, imaginário que serviria de parâmetro de comparação em relação ao objeto estudado. Esse modelo abstrato é conhecido como tipo ideal.

Através de pesquisas, Weber detectou que uma parcela considerável dos capitalistas era formada por protestantes, o que sinalizou uma possível relação causal.

Retomando as pregações protestantes calvinistas, mostrou que os indivíduos, cobertos de dúvidas sobre suas possíveis salvaçãoes ou eleições divinas, buscavam provar sua dignidade diante de Deus, através de uma conduta regrada, pautada no trabalho árduo. Na acumulação de riquezas e no seu gasto racional, baseavam sua conduta, o que a seu ver amenizaria as incertezas quanto à salvação. Assim, Weber construiu um comportamento tipicamente capitalista baseado na ética protestante. Dessa pesquisa, nasceu uma importante obra de Max Weber: *A ética protestante e o espírito do capitalismo*.

CHARON, Joel M., 2001. Sociologia.

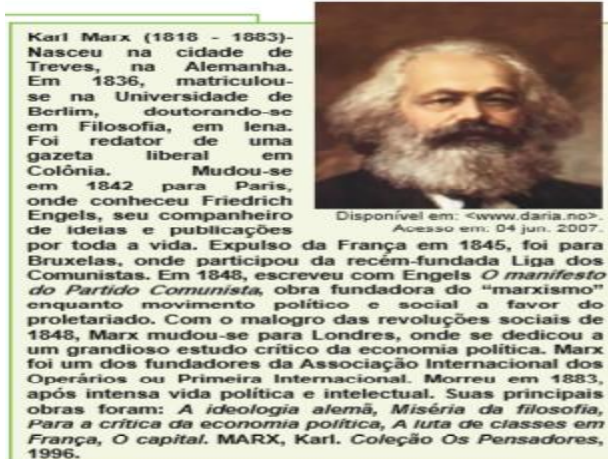


Disponível em:
<<http://teatrodahistoria.sites.uol.com.br>>.
Acesso em 04 jun. 2007.

Max Weber (1864 - 1920) - Nasceu na cidade de Erfurt (Alemanha), numa família de burgueses liberais. Desenvolveu estudos de Direito, Filosofia, História e Sociologia, constantemente interrompidos por uma doença que o acompanhou por toda a vida. Iniciou a carreira de professor em Berlim e, em 1895, foi catedrático na Universidade de Heidelberg. Manteve contato permanente com intelectuais de sua época, como Simmel, Sombart, Tönnies e Georg Lukács. Na política, defendeu arduamente seus pontos de vista liberais e parlamentaristas e participou da comissão redatora da Constituição da República de Weimar. Sua maior influência nos ramos especializados da Sociologia foi no estudo das religiões, estabelecendo relações entre formações políticas e crenças religiosas. Suas principais obras foram: *Artigos reunidos de teoria da ciência*; *Economia e sociedade (obra póstuma)* e *A ética protestante e o espírito do capitalismo*.

O tipo ideal de Max Weber corresponde ao que Florestan Fernandes definiu como conceitos sociológicos construídos interpretativamente, na função de instrumentos de ordenação da realidade. O conceito ou o tipo ideal é previamente construído e testado, depois aplicado a diferentes situações em que dado fenômeno possa ter ocorrido. À medida que o fenômeno se aproxima ou se afasta de sua manifestação típica, o sociólogo pode identificar e selecionar aspectos que tenham interesse na explicação, como, por exemplo, os fenômenos típicos capitalismo e feudalismo. WEBER, Max. Coleção Os Pensadores, 1996.

Karl Marx e as Classes Sociais



Agora, falaremos de Karl Marx e do materialismo histórico, a maior corrente revolucionária do pensamento social nas consequências teóricas e na prática social que propõe.

Escrevendo trabalhos sociológicos, Marx não só contribuiu para o desenvolvimento da ciência, mas propôs uma ampla transformação política, econômica e social. Sua obra máxima, *O Capital*, destinava-se a todos os homens, não apenas aos estudiosos da economia, da política e da sociedade.

Para Marx, as condições materiais de toda a sociedade condicionam as demais relações sociais.

Segundo ele, para viver, os homens têm de, inicialmente, transformar a natureza, ou seja, comer, construir abrigos, fabricar utensílios, etc., sem o que não poderiam existir como seres vivos. Sendo assim, o estudo de qualquer sociedade deveria partir justamente das relações sociais que os homens estabelecem entre si para utilizar os meios de produção e transformar a natureza. Essas relações sociais de produção são a base que condiciona todo o resto da sociedade.

A partir dessa visão, é criado um método de compreensão da realidade, denominado materialismo histórico e dialético.

Para Marx, a história do homem em sociedade em nada difere da relação fundamental homem-natureza-homem. A história nasce e desenvolve-se a partir do primeiro intermediário que põe em relação com a natureza e o homem com os outros homens: o trabalho. A história é, pois, a história da procriação do ser genérico do homem pelo trabalho e por todas as formas de mediação que daí derivam. Isto não quer dizer que a história "conte" apenas o desenvolvimento das forças produtivas: significa somente que essas forças produtivas são os fatos históricos de base, que constituem o fundamento da história; mas, bem entendido, a história incorpora também tudo o que daí deriva (e principalmente todo o processus cultural do homem, todas as suas alienações, todos os produtos das alienações).

TOUCHARD, 1959.

As relações sociais de produção resumem-se num conflito permanente no ambiente produtivo. Marx acreditava que a propriedade privada dos meios de produção separava detentores e não detentores com interesses antagônicos. Esse embate constante caracteriza um dos conceitos centrais da teoria marxista: a luta de classes.

A luta de classes é a expressão máxima das contradições de um modo de produção e a mola propulsora das transformações ou, como diria Marx, a história de toda a sociedade até hoje tem sido a história da luta de classes, pois desde o surgimento da propriedade privada, existe o confronto entre as classes, e, desde a consolidação do capitalismo, está expressa no conflito burguesia x proletariado.

Ao vender sua força de trabalho, o operário recebe em troca uma certa remuneração na forma de salário que deverá ser suficiente para reproduzir as condições básicas de sua sobrevivência. Por conta disso, pode-se afirmar que a força de trabalho (capacidade de realizar trabalho) transforma-se no capitalismo em uma mercadoria. Embora a força de trabalho seja considerada uma mercadoria, ela se destaca das demais, pois, ao ser consumida, cria, gera um valor superior ao seu. No ambiente fabril, por exemplo, o capitalista investe certa quantia de dinheiro (capital) comprando mercadorias (matéria-prima) máquinas e força de trabalho. Realizada a produção, novas mercadorias são criadas e vendidas, ou seja, transformadas em dinheiro (lucro).

Em uma determinada jornada de trabalho, parte dela é destinada pelo operário à criação de valores correspondentes ao seu montante de salário, e o restante é apropriado pelo capitalista na forma de mais-valia.

A mais-valia, prova da exploração capitalista sobre o proletariado, pode ser dilatada de duas formas:

- a) aumentando a jornada de trabalho (mais-valia absoluta);
- b) introduzindo novas tecnologias (mais-valia relativa).

A primeira limita-se à resistência do operário para suportar longas jornadas, enquanto a segunda lança o embrião das crises que irão acontecer no século XX, redundando no chamado desemprego estrutural.

Economicamente, o capitalismo alienou, separou o trabalhador de seus meios de produção, impondo um trabalho em um ambiente de divisão social do trabalho (DST). O homem não consegue reconhecer-se enquanto produtor de toda a riqueza e enquanto classe social, iludindo-se com o Estado e com a democracia burguesa.

O combate à alienação se faz com a Práxis, uma prática criativa, crítica e transformadora, no sentido de construir uma sociedade igualitária e justa, socialmente.

TOMAZI, Nelson Dácio, 2000. Iniciação à Sociologia.

A Sociologia no Brasil

Se fizermos um retrospecto da formação cultural e intelectual no Brasil, perceberemos que o desenvolvimento do pensamento sociológico brasileiro obedeceu às condições de desenvolvimento do capitalismo e da inserção do país na ordem mundial.

A Desigualdade Social se instala no Brasil, a partir do Período Colonial, quando se implantou uma cultura erudita e religiosa, com a participação decisiva dos jesuítas, cujos efeitos foram aniquilar a cultura indígena, submeter as populações escravas e distinguir drasticamente as camadas cultas daquelas que realizavam o trabalho braçal, passando pelas transformações trazidas pela mineração, com o surto de urbanização e o surgimento de novas ocupações: comerciantes, artífices, criadores de animais e outras; pela transferência da corte portuguesa para o Brasil (1808), introduzindo na colônia a cultura lusitana da época.

A burguesia emergente necessitava de um saber mais racional e pragmático, menos universalista e dependente da estrutura social colonial.

São feitas algumas tentativas de ruptura com a herança cultural do passado: combate ao analfabetismo e criação de um sentimento de patriotismo que levasse a mudanças reais na estrutura social. Passa-se a dar importância à modernização do País.

Portanto, podemos afirmar que, desde o final do século XIX, existiu, no Brasil, uma forma de pensamento sociológico desenvolvido por Euclides da Cunha, entre outros, mas, como

atividade autônoma voltada para o conhecimento sistemático e metódico da realidade, só irrompe na década de 1930, com a fundação da Universidade de São Paulo e com o consequente incremento da produção científica.

Podemos dizer que, na década de 1930, surgiram algumas preocupações gerais, como o interesse pela descoberta do Brasil verdadeiro, em oposição ao Brasil colonizado e estudado sob a visão etnocêntrica da Europa; o desenvolvimento do nacionalismo, como sentimento capaz de unir as diversas camadas sociais em torno de questões internas à nação, como inspiração para as políticas econômicas e administrativas de proteção ao comércio e à indústria nacional e para a valorização do cientificismo.

É dessa época a fundação da Escola Livre de Sociologia e Política, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, em São Paulo. Seu objetivo era formar técnicos, assessores e consultores capazes de produzir conhecimento científico sobre a realidade brasileira e, principalmente, que aliassem esse conhecimento à tomada de decisões no interior do aparato estatal/governamental, federal, estadual e municipal.

Na Universidade de São Paulo (USP) e na Universidade do Distrito Federal (UDF), houve a preocupação de formar professores para o Ensino Médio, principalmente para as escolas normais, formadoras de professores para o Ensino Fundamental.

O impulso inicial para o desenvolvimento da Sociologia no Brasil foi dado por um grupo de professores estrangeiros que para cá vieram, podendo-se citar, entre outros, Donald Pierson, Radcliff Brown, Claude Levi-Strauss e Roger Bastide.

Inúmeros sociólogos brasileiros fizeram parte da primeira geração: Gilberto Freire, Oliveira Viana, Fernando Azevedo, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Júnior, e sua produção intelectual foi desenvolvida por trabalhos de Florestan Fernandes, Antônio Cândido, Azis Simão e Hélio Jaguaribe. Dentro do desenvolvimento de pesquisa e ensino, a partir das décadas de 1960/70, passaram a ter suas obras lidas e reconhecidas: Octavio Ianni, Fernando Henrique Cardoso, Francisco Weffort, Francisco de Oliveira, José de Souza Martins, Leôncio Martins Rodrigues, Juarez Brandão Lopes, Maurício Tragtenberg, entre outros.

TOMAZI, Nelson Dácio, 2000. Iniciação à Sociologia.

Movimentos Sociais no Brasil

A evolução histórica da humanidade mostra que os movimentos sociais estão presentes em todas as sociedades:

- ✓ na Antiguidade: escravos e religiosos;
- ✓ na Baixa Idade Média: camponeses e servos;
- ✓ na Idade Moderna: mercadores e religiosos;
- ✓ na Idade Contemporânea: operários e camponeses;
- ✓ • nos dias atuais: ecologistas, pacifistas e feministas.

Analisaremos a evolução histórica de alguns movimentos sociais no Brasil.

Pode-se considerar que a greve dos trabalhadores gráficos no Rio de Janeiro, em 1858, foi o início do processo de formação da classe operária e de sua organização.

De lá até os nossos dias, há toda uma história de lutas de classes, ora com avanços, como de 1917 a 1920, ora com retrocessos, como em 1964, quando o processo de intensa participação foi interrompido com o Golpe Militar.

Somente na primeira metade dos anos 70, em meio à repressão policial, à euforia do “Milagre Brasileiro” e da vitória do Brasil na Copa do Mundo, a sociedade civil, através de setores populares, iniciou uma série de movimentos sociais voltados para as necessidades urbanas mais urgentes, como, por exemplo, por creches, por habitação, por transportes coletivos etc.

Devemos ressaltar, nesses movimentos, a presença decisiva da Igreja Católica, através de seu segmento progressista vinculado à Teologia da Libertação.

Dentre os vários movimentos surgidos, alguns se destacaram pelas características violentas, como o Movimento de Quebra-Quebra de Trens Suburbanos em São Paulo e no Rio de Janeiro, entre 1974 e 1976.

Todos os movimentos contribuíram para despertar a consciência dos problemas vividos e possibilitaram a participação no processo de redemocratização do País.

A partir de 1977, o processo de anistia contribuiu para reativar o movimento estudantil e estimular o reaparecimento do movimento operário, com as greves no ABC paulista, em 1978, bem como sua reorganização através das centrais sindicais (CVT e CGT) e da articulação com os partidos políticos.

Nos anos 80, a importância dos movimentos sociais foi notável na campanha por eleições diretas para Presidente da República – as Diretas Já – (1984-1985) e na Constituinte de 1988, na qual se verificaram avanços importantes com relação aos direitos de cidadania por influência dos movimentos sociais.

Já nos anos 90, a deposição do então Presidente Fernando Collor de Mello resultou de intensas mobilizações da sociedade civil, num amplo movimento em que se destacaram os estudantes – os caras pintadas – cujo objetivo era destituir o presidente. Era o estabelecimento da ética na política.

No entanto, a maioria dos problemas sociais permanece e, dentro da sociedade, frequentemente há grupos mobilizando-se na busca de soluções, como o MST (Movimento dos trabalhadores sem Terra), os movimentos pela valorização da raça negra, movimentos pela paz, entre outros.

TOMAZI, Nelson Dácio, 2000. Iniciação à Sociologia.

Exercícios

Cite as principais transformações surgidas na Europa que justificaram a necessidade do surgimento da Sociologia.

Por que a Revolução Industrial teve importante papel no estabelecimento da Sociologia como ciência?

Explique a relação existente entre consciência individual e consciência coletiva.

Explique o que você entendeu por positivismo.

O que é Darwinismo Social?

O que se entende por fato social?

Qual a diferença entre solidariedade mecânica e solidariedade orgânica?

Explique o objeto de estudo da Sociologia sob o ponto de vista de Weber.

Escreva sobre a visão revolucionária de Karl Marx, enfatizando a luta de classes e o materialismo histórico.

Dos sociólogos brasileiros citados no texto, escolha três nomes para serem pesquisados e apresentados aos colegas em sala de aula.

Exercícios Propostos

Sobre o surgimento da Sociologia como ciência, podemos afirmar que, exceto:

- a) a Sociologia, diversamente de outras ciências, lida com a realidade social e as interpretações que são feitas sobre essa realidade.
- b) a Sociologia defronta-se apenas com o que vagamente chamamos de realidade e baseia-se no fato.
- c) o conhecimento científico da vida social não se baseia no fato, mas na concepção do fato e na relação entre a concepção e o fato.
- d) a Sociologia nasce e desenvolve como um dos florescimentos intelectuais mais complexos das situações de existência nas modernas sociedades industriais e de classe.

Assinale a alternativa correta.

O surgimento da Sociologia foi propiciado pela necessidade de:

- a) manter a interpretação mágica da realidade, como patrimônio de um restrito círculo sacerdotal.
- b) manter uma estrutura de pensamento mítica para a explicação do mundo.
- c) condicionar o indivíduo, através dos rituais, a agir e a pensar conforme os ensinamentos transmitidos pelos deuses.
- d) considerar os fenômenos sociais como propriedade exclusiva de forças transcendentais.
- e) observar, medir e comprovar as regras que tornassem possível, através da razão, prever e controlar os fenômenos sociais.

Augusto Comte, filósofo, é considerado por muitos como o “Pai da Sociologia”. Sintetizou um conjunto de teorias sociais batizando as de Físicas Sociais e, posteriormente, Sociologia. Em suas teorias, apresenta-se como central o dilema “Ordem e Progresso” que pode ser observado em outros momentos de sua construção.

Leia e julgue as afirmativas a seguir:

I) Comte distingue dois comportamentos da sociedade (saudável ou doentio), que são provocados por fatos sociais normais e patológicos, sendo que o primeiro estado é predominante e os momentos de desordem deveriam ser rigidamente combatidos.

Comte estabelece como sinal máximo do progresso social a chegada a uma sociedade capitalista industrial formada a partir da ética protestante e de sua proposta de salvação.

III) O Darwinismo social interpreta as sociedades enquanto organismos em adaptação ao meio, que tendem a constantes evoluções, se houver a existência prévia de harmonia.

IV) É destacado o papel da ação social em que o indivíduo é obrigado a submeter-se às regras sociais que se impõem a todos, por meio de sanções legais e espontâneas.

Está correto o que se afirma em:

- a) III apenas.
- b) I e II apenas.
- c) II e III apenas.
- d) Todas as afirmativas são verdadeiras.
- e) Todas as afirmativas são falsas.

O Positivismo derivou do “cientificismo”, isto é, da crença no poder exclusivo e absoluto da razão humana em conhecer a realidade e traduzi-la sob a forma de leis naturais. Partindo desse paradigma, é verdadeira qual alternativa a seguir acerca dessa matriz de pensamento?

- a) O Positivismo reconhece uma clara diferença nos princípios reguladores do mundo físico e do mundo social e a desigualdade natural entre ambos, que nega qualquer paralelo ou aproximação.
- b) O Positivismo reconhece o papel importante que os fenômenos particulares e, portanto, históricos possuem na determinação de cada construção social, independentemente da regularidade com que se apresentam.
- c) O Positivismo reconhece que os fenômenos sociais possuem uma origem natural e, portanto, a histórica, sendo possível observá-los, compreendê-los e prevê-los.
- d) O Positivismo reconhece a existência de um modelo de evolução social dialético permanente e que se apresenta para todas as sociedades.
- e) O Positivismo reconhece a imutabilidade dos acontecimentos sociais e a tendência à estagnação natural de toda sociedade.

Acerca do pensamento positivista, analise as afirmativas a seguir e, posteriormente, assinale a alternativa correta:

I) Os socialistas utópicos, tais como Saint-Simon, tinham como base do seu raciocínio a visão de que a evolução natural da sociedade remeteria a humanidade para o socialismo, que surgiria como fruto da consciência madura da elite e da ordem e da paciência do povo miserável.

II) A desigualdade social é identificada, no positivismo, como aquilo que dá vida à contradição, e, por isso, anima a luta de classes e motiva as revoluções.

III) A ordem e o progresso somente serão possíveis numa sociedade igualitária e socialista, e, por consequência, harmônica.

IV) A valorização do processo histórico, vivido por toda sociedade, é a marca dessa matriz de pensamento.

Alternativas:

a) Somente a afirmativa IV está correta.

b) Somente a afirmativa III está correta.

c) Somente a afirmativa II está correta.

d) Somente a afirmativa I está correta.

e) Todas as afirmativas estão incorretas.